

ENTRE O TEMOR E O TREMOR: UMA ANÁLISE DAS RELAÇÕES E REAÇÕES DO PROTESTANTISMO ALEMÃO FRENTE O NAZISMO, PARTINDO DO POSICIONAMENTO DOS GRANDES TEÓLOGOS PROTESTANTES DO SÉCULO XX

Makchwell Coimbra Narcizo¹

*Todo homem esteja sujeito às autoridades superiores; porque não há autoridade que não proceda de Deus; E as autoridades que existem foram por Ele instituídas.*²

*O anti-semitismo racista quer se abstrair da religião. Ele afirma que se trata da pureza da raça e da nação. Os Nacional-socialistas perceberam que há muito deixaram de se preocupar com a salvação eterna... Entre os cristãos alemães, a única coisa que sobrou da religião do amor, foi o anti-semitismo.*³

*Deus precisa de homens, não gente com frases altissonantes, mas cães, bons farejadores, que farejam no presente o odor da eternidade, que ainda que muito escondida, seja caçada, seguida sem cansaço à sagacidade.*⁴

*No conhecimento do bem e do mal, o ser humano não se entende na realidade de sua determinação pela origem, mas sim nas suas possibilidades próprias, ou seja: ser bom ou ser mal.*⁵

Resumo: As igrejas protestantes alemãs posicionaram-se de maneiras diferentes e controversas frente ao Partido Nacional-Socialista desde suas articulações à sua ascensão e política de expansão. No presente trabalho, analiso essa relação através do posicionamento dos quatro grandes teólogos alemães contemporâneos à Segunda Guerra Mundial: Rudolf Bultmann, Karl Barth, Paul Tillich e Dietrich Bonhoeffer.

Palavras-chave: Nazismo; Protestantismo; Teólogos.

¹ Mestre em História pela Universidade Federal de Goiás – UFG. Professor da Universidade de Rio Verde – UniRV.

² A Bíblia Sagrada. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2003. Romanos Cap. 13, Vers. 01, p.133.

³ ADORNO, Theodor /HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006, p. 145-146).

⁴ BARTH, Karl. **Credo: Comentário do Credo dos Apóstolos**. São Paulo: Novo Século, 2003, p. 77.

⁵ BONHOEFFER, Dietrich. **Discipulado**. São Leopoldo: 7.ed. Sinodal, 2002, p.10.

Between fear and tremor: an analysis of relations and reactions of german protestantism in front of the Nazism, starting of position of protestant theologians in the twentieth century

Abstract: The German protestant churches had a different and somehow controversial view in relation to the National-Socialist Party from its beginning to its rise and means of expansion. In this work, I am analyzing the point of view of four great German contemporaries theologians (Rudolf Bultmann, Karl Barth, Paul Tillich e Dietrich Bonhoeffer) in relation to Second World War.

Keywords: Nazism; Protestantism; theologians.

Introdução

No berço da reforma todo governante para chegar ao poder tem que manter relações mesmo que mínimas com as lideranças protestantes. No caso de Hitler, não foi diferente. Mas se esta aliança existiu, qual foi seu teor? Até que ponto os protestantes alemães colaboraram com o Nacional-Socialismo? Estariam eles com as mãos e a alma manchadas de sangue como acusam os Testemunhas de Jeová? O nazismo tinha uma teologia própria? Qual foi a influência da Segunda Guerra Mundial à teologia do séc. XX? No presente trabalho, procuro analisar as relações do protestantismo alemão com o regime nazista, em especial com a reação de quatro dos mais influentes teólogos do século citado: Karl Barth, Dietrich Bonhoeffer, Rudolf Bultmann e Paul Tillich.

1. Considerações acerca das relações do catolicismo e o nazismo

Mesmo não sendo o foco do presente trabalho, vimos fazer algumas considerações acerca de um possível envolvimento do catolicismo oficial com o regime nazista, tendo em vista que muitos mitos se criaram em relação a esse suposto envolvimento. Sendo que alguns culpam a Igreja por seu silêncio.

Muitas acusações são levantadas para ligarem a Igreja Católica Apostólica Romana ao regime nazista, algumas delas totalmente infundadas, tais como: considerar a igreja culpada por Hitler ser católico. Sendo assim, a referida instituição teria que ser acusada de várias outras atrocidades, afinal, muitos católicos cometeram delitos individuais

tanto de pequeno quanto de grande porte. Entretanto, a igreja não pode ser responsabilizada por ações isoladas de cada um de seus membros. Outro erro seria condenar os católicos pelo apoio de alguns clérigos ao nazismo, pois esses agiam sem o consentimento oficial de Roma; um clássico exemplo é o padre eslovaco Josef Tiso, que fora um reconhecido líder do nazismo naquele país; no entanto, observemos que foi o padre Tiso e não a Igreja Católica da Eslováquia. Afinal, se partirmos desse pressuposto, concluiremos que na Polônia quem se opôs ao nazismo foi a Igreja Católica e não o padre Maximilian Kolbe, que se opôs ao regime e foi executado em Auschwitz ou então consideramos que quem facilitou a emigração de judeus de Berlim foi a Igreja e não o padre Bernhard Lichtenberg por iniciativa própria.

No auge da República de Weimar, os católicos representavam 1/3 da população alemã e tinham uma força política ainda maior. O tradicional Partido de Centro Católico era o segundo maior do país, perdendo apenas para o Partido Social-Democrata Alemão. O referido partido católico era até então o principal representante da burguesia alemã na luta contra os socialistas, porém o partido católico foi gradativamente perdendo espaço para os nazistas.

Em julho de 1933, o núncio papal Eugênio Pacelli, (futuro Papa Pio XII), em nome do Papa Pio XI, assinou a famosa concordata com o governo nazista. A partir de então, a Igreja Católica e todas as suas organizações deveriam se afastar de qualquer ação política e social. Em troca, o papado poderia impor suas leis canônicas a todos os católicos alemães. Contudo, é necessário ressaltar que o governo nazista era o governo oficial e de direito da Alemanha, respeitado como tal por diversas nações europeias, portanto, a referida concordata não foi assinada com a Alemanha dos campos de concentração, mas sim com a Alemanha que procurava expulsar a ameaça dos comunistas “ateus”.

Algumas acusações à Igreja Católica coerentes são, tais como: o fato de o Papa Pio XII ter impedido a publicação da *Humani Generis Unitas*, a “encíclica anti-racismo”, ainda não promulgada, do seu antecessor Pio XI. Ou o fato do Papa Pio XII nunca ter citado em suas homilias palavras como: genocídio, extermínio, campos de concentração ou massacre a algum povo ou etnia, mesmo quando isso já era de conhecimento de todos. Essa seria uma atitude de quem se diz o “representante de Deus na terra.”

Para chegar a alguma conclusão é necessário que se considere o contexto europeu do período, em que, para compreendermos a Igreja Católica (ou as protestantes no decorrer do trabalho) e sua convivência com o regime nazista, tem-se que levar em consideração o poderio bélico dos nazistas, pois um confronto armado entre o Vaticano e a Alemanha Nazista com certeza significaria a extinção do recém criado Estado do Vaticano.

2. Contexto histórico e teológico

Antes de analisarmos a reação do protestantismo alemão frente ao nazismo é necessário que se faça uma rápida abordagem dos contextos histórico e teológico da Alemanha do período em estudo para uma melhor compreensão das reações desses protestantes frente o regime nazista.

2.1. Contexto histórico

A Alemanha passava por uma profunda crise resultada da derrota na Primeira Guerra Mundial, as imposições do Tratado de Versalhes e a queda do imperador deixaram o país em caos. A crise econômica alastrava-se, a inflação estava descontrolada, sendo que no fim da Primeira Guerra Mundial, a relação marco-dólar era de 4 por 1 no início de 1923, era de 7.000 por 1, chegando rapidamente a proporção de 130 bilhões de marcos por um dólar. As camadas médias do país estavam a beira da miséria, fatos que ilustram a profunda crise que a Alemanha passava no período.

Em meio a toda essa conjectura houve sucessivas arremetidas dos comunistas alemães, que a qualquer custo tentavam a tomada do poder nos moldes soviéticos. Em 1920 a direita promoveu um golpe monarquista que fora rapidamente desarticulado. Alemanha era um campo aberto a todas as tendências políticas que propunham cada qual à sua maneira a salvação miraculosa da Nação. Em meio a todo esse caos político e social os nazistas foram se articulando, tanto que para chegarem ao poder contaram com o apoio da direita e de grande parte dos industriais alemães, tais como: Thissen, Krupp, Bosch, Siemens, Schacht e Von Schröder que foram quem apelaram a Hindenburg para nomear Hitler Primeiro-Ministro.

2.2. Contexto teológico

O contexto teológico também não era menos conturbado do que o sócio-político no período da Segunda Guerra Mundial, é necessário ressaltar que os grandes teólogos protestantes do período ou eram alemães ou residiam na Alemanha.

Há algum tempo o mundo teológico havia sido abalado pela prerrogativa de a razão ser a balizadora do conhecimento desde o século XVIII durante ou desde o iluminismo (*Aufklärung* para os alemães), a verdade da fé não deveria mais ser harmonizada com os cânones da razão, mas sim, se submeter a ela, essa concepção já vinha sendo trabalhada por Leibniz, Johann Ernest e Lessing dentre outros, entretanto, foi com Imanuel Kant que se elaborou uma interpretação racionalista da Revelação Cristã, em que os elementos dogmáticos deveriam ser reduzidos a meros símbolos. Os postulados kantianos acerca da religião, como: a transferência da fé para as esferas da vontade e do sentimento e a interpretação racionalista da revelação, foram tidos como fundamentos da teologia protestante durante o século XIX.

O século XIX ficou conhecido no mundo teológico como “o século da teologia liberal”, em que essa, sob postulados kantianos como expresso anteriormente, promoveu a secularização total da teologia cristã, elevando-a a um conhecimento meramente racionalista. Dentre os principais nomes da teologia liberal destacam-se: Schleiermacher, Hegel, Feuerbach, Nietzsche, Strauss, Ritschl e Harnack, sendo esse último considerado como seu maior líder e defensor incansável do método exegético histórico-crítico. Evidentemente houve tentativas de deter o pensamento da teologia liberal nesse período, em que, destacam-se: Soren Kierkegaard e Martin Kähler, essas vozes foram abafadas pela força da teologia liberal.⁶

O século XX inicia-se com toda essa carga de mudanças e discordâncias no interior do pensamento teológico. É necessário ressaltar que a concepção de razão que tanto dominara o pensamento científico nos séculos anteriores, começou a sofrer alguns importantes e contundentes ataques, tanto pela noção de progresso que havia levado a Europa à Primeira Guerra Mundial, quanto pela queda do Paradigma Newtoniano ou pela nova noção de sujeito trazida por Einstein. É em meio à crítica dos limites e das

⁶ MONDIN, Battista. **Os grandes teólogos do século XX**. São Paulo: Teológica, 2003, p. 25-29.

possibilidades do conhecimento humano que a teologia protestante tenta ressurgir como um conhecimento autônomo e válido.

No contexto toda essa crise que se configurava acerca do conhecimento humano começava a surgir o que ficou conhecido como: “Neo-Ortodoxia Protestante”, que também é denominada como “Teologia da Crise” ou “Teologia Dialética”. Alguns teólogos se levantaram e afirmaram que todo conhecimento provém de Deus, sendo que a teologia não deve se submeter a nenhuma outra ciência, mesmo sendo ela a filosofia ou a história, como defendiam os liberais. Karl Barth foi o principal líder desse movimento. No início, o movimento contou com a participação de Emil Brunner, Rudolf Bultmann, Reinhold Niebuhr, Friedrich Gogaten e Paul Tillich, autores que se separam dessa corrente teológica e desenvolveram pensamentos que até contrapõem essa teologia. Contudo, não cabe discutir essas mudanças nesse momento, tendo em vista que a intenção é apenas levantar qual era o contexto teológico que vivia a Europa nesse período.

É em meio a esse contexto histórico-teológico que Hitler ascendeu ao poder na Alemanha e rapidamente deu início a sua política expansionista que, aliada ao contexto socioeconômico, político e militar europeu conduziu a Europa a uma guerra de proporções assustadoras. Levando os protestantes alemães a dar uma resposta rápida à situação.

3. A aliança

Em 30 de janeiro de 1933 Adolf Hitler ascendia ao poder na Alemanha, já em abril do mesmo ano o movimento religioso dos “Cristãos Alemães”, órgão fundado em Turíngia seis anos antes para promover o cristianismo popular aliou-se ao Nacional-Socialismo. Com essa aliança foi fundada em 25 de abril de 1933 a Igreja Evangélica da Nação Alemã, ou Igreja Evangélica Unida da Alemanha, igreja que fundamentava sua doutrina nas palavras chave do nazismo: nação, raça, *Führer*, tanto que em sua primeira proclamação lia-se:

Um poderoso projeto nacional conquistou e reanimou nosso povo alemão. Está se afirmando uma vasta restauração do Reich na nação alemã, que está em pleno despertar, a esta virada histórica dizemos um “sim”, foi Deus quem no-la deu.⁷

⁷

DREIMANNE KOLLEGIUM, 1933.

Considerar Hitler apenas um enviado de Deus não bastava, tinha que haver uma fundamentação teológica para dar respaldo ao apoio da nova igreja ao nazismo. Tal fundamentação ocorreu, sendo que nela, Hitler era apontado não apenas como a personificação de um messias, mas o próprio messias. Mas como Hitler poderia ser o messias cristão se o messias do cristianismo era um semita? No caso Jesus. A argumentação nazista lançava dúvidas acerca da origem judaica de Jesus, agarrando-se essencialmente no posicionamento político de Jesus em relação ao judaísmo. Mas qual o posicionamento da teologia nazista frente o grande articulador do cristianismo, o apóstolo Paulo, que também era judeu? Em relação ao apóstolo Paulo os nazistas não fizeram o menor esforço para renegarem sua origem judaica, pelo contrário, a ressaltaram, argumentando a respeito da necessidade de se excluir da igreja cristã a teologia do “rabino” Paulo.

Apesar de parecer estranho o fato de se querer recortar a bíblia, isso não soa muito estranho dentro do protestantismo, os próprios reformadores já esboçaram ideias parecidas. Lutero em sua teologia defendia que há livros mais importantes no cânon bíblico que outros, sendo que a epístola de Tiago seria um livro sem utilidade, sendo chamada por ele de “epístola de palha”, (teologicamente é explicável o rechaço de Lutero a epístola de Tiago, que traz uma concepção de fé diferente da sua, fé que é o centro da teologia luterana).⁸ Calvino neste aspecto também não se diferenciava muito de Lutero, vivia alardeando que o livro da Revelação ou o Apocalipse não servia para nada, pois, se fosse de alguma serventia teria sido escrito de uma maneira mais compreensível.⁹ A desconsideração e a aversão do reformador em relação ao livro do Apocalipse se dá bem mais no âmbito hermenêutico do que propriamente teológico, pois, ao abandonar o método alegórico, Calvino não adotou outro, ficando apenas com a interpretação literal, que também era vista com reserva por ele em alguns aspectos, imerso ao jogo de símbolos proposto por João no livro citado. Problema este que só foi resolvido posteriormente por

⁸ LUTERO, Martim. **Da Liberdade Cristã**. São Leopoldo: 4.ed. Sinodal, 1983, p. 33-57.

⁹ CALVINO, Juan. **Institución de la Religión Cristiana**. Barcelona: 5.ed. Felire, 1999, p. 103- 108.

Shleiermacher).¹⁰ Mas e o Antigo Testamento? Esse era visto pelos nazistas meramente como um livro da religião judaica, portanto totalmente descartável e refutável.

A teologia nazista foi inserida no projeto propagandário do Reich, tanto que Hitler sempre era anunciado em um tom messiânico: “O homem que guiaria o povo alemão sem preocupar-se com as forças terrestres” diria Hess, ou “Aquele que a vontade é efetivamente a vontade de Deus”, segundo Darré. É o “novo Redentor” assegurava Röhm. O endeusamento de Hitler pelos nazistas pode ser notado em um tom de reverência divina e em forma de oração em que Goebbels se dirige ao “*Führer*” em um discurso:

*Em nossa profunda desesperação temos encontrado em vós o que mostra o caminho da verdadeira fé... Tendes sido para nós a redenção de um misterioso desejo. Tendes curado nossa angustia com palavras de libertação. Tendes forjado nossa confiança no milagre que virá.*¹¹

O culto a personalidade de Hitler chegou a patamares elevados, chegando à idolatria, sendo retratado em filmes como o próprio Deus. Em *O Triunfo da Vontade*, Hitler chega de avião como um esperado messias, o avião vai planando sobre as nuvens que vão se abrindo na medida em que ele desce sobre a cidade, o sol havia desaparecido atrás das nuvens, só ressurgindo com a chegada do “*Führer*”. Além dessas representações claramente alusivas a Hitler como o novo messias, suas aparições eram cercadas por um ritual litúrgico totalmente elaborado. Nos dias do Congresso anual de Nuremberg Hitler tomava em uma das mãos uma bandeira tida como uma relíquia (pois tinha sido manchada pelo sangue de heróis de guerra na ocasião do Putsch de Munique), tomando na outra mão as bandeiras novas para consagrar fazendo assim uma espécie de eucaristia mística.

Os “Cristãos Alemães” consideravam Hitler como o enviado de Deus para salvar as igrejas, institucionalizar uma raça mais legítima e desprovida de problemas carnis. Discurso assumido e propagandeado pelo “*Führer*”.

¹⁰ Para uma melhor compreensão do assunto, ver: Friedrich Schleiermacher, “Hermenêutica: arte e técnica da interpretação” e também Hans-Georg Gadamer, “Verdade e método: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica”, em especial o capítulo 1 da segunda parte, no qual o autor destaca a importância de Schleiermacher para a hermenêutica como seu projeto de uma hermenêutica universal.

¹¹ GUÉRIN, Daniel. **Fascismo y Gran Capital**. Madrid: Fundamentos, 1977, p. 103.

4. Uma resposta à aliança

Não demorou muito para a “nova igreja” agir. Em 14 de novembro do ano citado, o líder dos “Cristãos Alemães” Dr. Reinold Krauser proclamou em um discurso em Berlim quais seriam os primeiros propostos dos “Cristãos Alemães”: “Dejudaizar o cristianismo, eliminando o Antigo Testamento, a moral judaica e a teologia do rabino Paulo”. Um de seus primeiros atos foi proibir a ordenação de pastores de origem hebraica.

Desde o princípio, a Igreja Evangélica da Nação Alemã contou com o descontentamento de um grande número de protestantes alemães, mas a situação começou a se agravar desde o discurso citado, no qual o teólogo Friedrich Gogaten, até então membro da igreja nazista e único teólogo de expressão da mesma, rompeu com a citada igreja em 15 de novembro do mesmo ano.

Em resposta a criação da igreja nazista em fevereiro de 1933, Dietrich Bonhoeffer em uma palestra radiofônica alertou os cristãos alemães que não se deve procurar um *Führer*, pois, arriscam-se a encontrar um *Verführer* (sedutor), ele protesta contra o *arierparagraf*¹² da confissão de fé da nova igreja, também solicitou a convocação de um concílio evangélico para decidir o futuro das igrejas alemãs, para refletir se deveriam continuar unidas ou dividirem-se. O concílio não foi reunido, mas Bonhoeffer contou com o apoio de nomes proeminentes da teologia alemã, como: Karl Barth, Otto Dibelius, Hans Asmussen e Martin Niemöller, que se uniram e fundaram a “Igreja Confessante”. Opuseram-se oficialmente a Hitler e sua apropriação da eclesiologia alemã. São chamados de confessantes porque diferentemente da igreja nazista não rejeitam as confissões de fé dos pais da Igreja e nem dos reformadores, além de confessarem Jesus Cristo como único e suficiente Senhor.

Outro grande opositor da ligação da igreja alemã e o Estado foi o teólogo Karl Barth, tido como o maior teólogo do século XX e juntamente com Schleiermacher o nome mais importante para o protestantismo desde Calvino. Antes da ascensão de Hitler, da criação da Igreja Evangélica da Nação Alemã e do citado discurso de Krauser, Barth já alertava os protestantes alemães do perigo de governos totalitários, tanto que no princípio

¹² Parágrafo ariano. O referido parágrafo demonizava o povo judeu, colocando os alemães como os “verdadeiros escolhidos de Deus”.

de julho de 1933, juntamente com seu amigo e também teólogo Thirneysen fundou a revista *Theologisch Existenz Heute* (A Resistência Teológica Hoje), em que no primeiro fascículo podemos ler:

Só se tem uma verdadeira existência teológica quando se recomenda que Jesus Cristo, e só Ele, é nosso Guia, ao passo de que não se tem existência teológica quando se invoca um guia eclesiástico, ao invés de ser guia no serviço que nos ordenou. Toda invocação de um führer é tão vã quanto os gritos dos sacerdotes de Baal: 'Baal, escuta-nos!'.¹³

A *Theologisch Existenz Heute* tornou-se logo um instrumento do protestantismo anti-nazista, na qual Barth defendia que os cristãos devem temer somente a Deus e não ao homem, acentuou cada vez mais suas críticas ao social-nacionalismo, defendia que a Igreja estava vendida à Satanás e que o “lobista” era Hitler, com isso o duelo com o nazismo ficou cada vez mais intenso, pois o Reich era entendido por alguns como a implantação do Reino de Deus na terra, o partido Nacional-Socialista e a nova igreja nazista se consideravam a própria manifestação de Deus.

De 29 a 31 de maio de 1934 reuniu-se na cidade de Barmen o Sínodo da Igreja Confessante, na qual membros das igrejas Luterana, Reformada e Unida estavam imbuídas de redigir uma mensagem que fizesse frente às tentações que a Igreja enfrentava naqueles dias. Não era sua intenção fundar uma nova igreja com princípios novos, mas sim se firmar nos princípios históricos da Reforma Protestante, foi assim que surgiu a Declaração Teológica de Barmen, que procurava ser um apoio ao cristianismo alemão em dias tão conturbados. Vejamos alguns trechos:

I – Um apelo às congregações evangélicas e aos cristãos na Alemanha

...O Sínodo Confessional, conclama as congregações para se unirem em oração e coesas cerrarem fileiras em torno dos pastores e mestres que permanecem fiéis às Confissões.

Não vos deixeis enganar pelos boatos de que pretendemos opor-nos à unidade da nação alemã! Não deis ouvidos aos sedutores que pervertem nossas intenções, dando a impressão de que desejaríamos quebrar a unidade da Igreja Evangélica Alemã ou abandonar as Confissões dos Pais da Igreja.

Examinai os espíritos, a ver se eles são de Deus! Provai também as palavras do Sínodo Confessional da Igreja Evangélica Alemã para testar se estão conformes com a Sagrada Escritura e com a Confissão dos Pais. Se achardes que nossas palavras se opõem às Sagradas Escrituras, então não nos deis atenção! Mas se julgardes que nossa posição está conforme a Escritura. Então não permitais que o medo ou a tentação vos impeça de trilhar conosco a vereda da fé e da obediência à Palavra de Deus, a fim de que o povo de Deus tenha um só pensamento na terra e que nós experimentemos pela fé aquilo que ele mesmo disse: “Nunca vos deixarei, nem vos abandonarei”. Por esse motivo, não temais, ó pequenino rebanho, porque vosso Pai se agradou em dar-vos o seu Reino.¹⁴

Se em sua primeira parte a Declaração Teológica de Barmen mantém um tom de justificação de sua redação e de convite às igrejas evangélicas alemãs a aceitarem os propósitos que nela fora expostos, em sua segunda parte os teólogos e pastores que a redigiram e a assinaram expõem qual era o seu posicionamento frente à situação pela qual as igrejas evangélicas alemãs passava naquele momento. É justamente essa segunda parte que faz da Declaração Teológica de Barmen um dos grandes tratados teológicos do século XX, não perdendo em importância para a fé cristã para nenhuma outra declaração ou confissão de fé, feitas tanto pelos Pais da Igreja quanto pelos pais reformadores (essas últimas para os protestantes). Vejamos então mais alguns trechos da referida declaração:

II – Declaração teológica a respeito da situação atual da Igreja Evangélica Alemã

...Conforme as palavras iniciais da sua Constituição, datada de 11 de julho de 1933, a Igreja Evangélica Alemã é uma federação de Igrejas Confessionais, oriundas da Reforma, gozando de direitos iguais...

... A base inviolável da Igreja Evangélica Alemã é o Evangelho de Jesus Cristo, conforme nos é atestado nas Sagradas Escrituras e trazido novamente à luz nas Confissões da Reforma. Todos os poderes necessários à Igreja para cumprir sua missão por ele são determinados e limitados...

... Declaramos publicamente nesta Confissão, perante todas as igrejas evangélicas da Alemanha, que aquilo que ela mantém como patrimônio comum está em grande perigo que também ameaça a unidade da Igreja Evangélica Alemã. Ela se acha ameaçada pelos métodos de ensino e de ação do partido

¹⁴ IGREJA PRESBITERIANA UNIDA DOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA. **O Livro de Confissões**. São Paulo: Missão Presbiteriana Brasil Central, 1967, p. 67-68.

eclesiástico dominante dos “Cristãos Alemães” e pela administração da Igreja conduzida por ele. Esses métodos se vêm tornando cada vez mais salientes neste primeiro ano de existência da Igreja Evangélica da Nação Alemã. Essa ameaça reside no fato de que a base teológica da unidade da Igreja Evangélica Alemã tem sido contrariada contínua e sistematicamente e tornada ineficaz por doutrinas estranhas, da parte dos líderes e porta-vozes dos “Cristãos Alemães”, bem como da parte da administração da Igreja. Se tais doutrinas conseguirem impor-se, então, conforme todas as Confissões em vigor em nosso meio, a Igreja deixará de ser Igreja, e a Igreja Evangélica Alemã, como federação de Igrejas Confessionais, tornar-se-á intrinsecamente impossível.

Na qualidade de membros das Igrejas: Luterana, Reformada e Unida, podemos e devemos falar com uma só voz neste assunto. Precisamente por querermos ser e permanecer fiéis às nossas várias Confissões, não podemos silenciar, pois cremos ter recebido uma mensagem comum para proclamá-la em uma época de necessidades e tentações gerais. Depositamos nossa confiança em Deus pelo que isto possa significar para as inter-relações das Igrejas Confessionais.

Face dos erros dos “Cristãos Alemães”, da presente administração da Igreja do Reich, erros que estão assolando a Igreja e, também rompendo, por esse motivo, a unidade da Igreja Evangélica Alemã, confessamos as seguintes verdades evangélicas:

“Eu sou o caminho e a verdade e a vida; ninguém vem ao Pai senão por mim” (Jo 14.6). “Em verdade, em verdade vos digo: o que não entra pela porta no aprisco das ovelhas, mas sobe por outra parte, esse é ladrão e salteador... Eu sou a porta: se alguém entrar por mim será salvo” (Jo 10.1,9).

Jesus Cristo, como nos é atestado na Sagrada Escritura, é a única Palavra de Deus que devemos ouvir, e em quem devemos confiar e a quem devemos obedecer na vida e na morte.

Rejeitamos a falsa doutrina de que a Igreja teria o dever de reconhecer além e aparte da Palavra de Deus ainda outros acontecimentos e poderes, personagens e verdades como fontes da sua pregação e como revelação divina...

...Rejeitamos a falsa doutrina de que, em nossa existência haveria áreas em que não pertencemos a Jesus Cristo, mas a outros senhores, áreas em que não necessitaríamos da justificação e santificação por meio dele...

...A Igreja Cristã é a comunidade dos irmãos, na qual Jesus Cristo age atualmente como o Senhor na Palavra e nos Sacramentos através do Espírito Santo. Como Igreja formada por pecadores justificados, ela deve, num mundo pecador, testemunhar com sua fé, sua obediência, sua mensagem e sua organização que só dele ela é propriedade, que ela vive e deseja viver tão somente da sua consolação e das suas instruções na

expectativa da sua vinda.

Rejeitamos a falsa doutrina de que à Igreja seria permitido substituir a forma da sua mensagem e organização, a seu bel prazer ou de acordo com as respectivas convicções ideológicas e políticas reinantes...

...A diversidade de funções na Igreja não estabelece o domínio de uma sobre a outra, mas, antes o exercício do ministério confiado e ordenado a toda a comunidade.

Rejeitamos a falsa doutrina de que a Igreja, desviada deste ministério, poderia dar a si mesma ou permitir que se lhe dessem líderes especiais revestidos de poderes de mando...

...A Escritura nos diz que o Estado tem o dever, conforme ordem divina, de zelar pela justiça e pela paz no mundo ainda que não redimido, no qual também vive a Igreja, segundo o padrão de julgamento e capacidade humana com emprego da intimidação e exercício da força. A Igreja reconhece o benefício dessa ordem divina com gratidão e reverência a Deus. Lembra a existência do Reino de Deus, dos mandamentos e da justiça divina, chamando, dessa forma a atenção para a responsabilidade de governantes e governados. Ela confia no poder da Palavra e lhe presta obediência, mediante a qual Deus sustenta todas as coisas.

Rejeitamos a falsa doutrina de que o Estado poderia ultrapassar a sua missão específica, tornando-se uma diretriz única e totalitária da existência humana, podendo também cumprir desse modo, a missão confiada à Igreja.

Rejeitamos a falsa doutrina de que a Igreja poderia e deveria, ultrapassando a sua missão específica, apropriar-se das características, dos deveres e das dignidades estatais, tornando-se assim, ela mesma, um órgão do Estado...

...A missão da Igreja, na qual repousa sua liberdade, consiste em transmitir a todo o povo em nome de Cristo e, portanto, a serviço de sua Palavra e da sua obra pela pregação e pelo sacramento a mensagem da livre graça de Deus.

Rejeitamos a falsa doutrina de que a Igreja, possuída de arrogância humana, poderia colocar a Palavra e a obra do Senhor a serviço de quaisquer desejos, propósitos e planos escolhidos arbitrariamente.

O Sínodo Confessional da Igreja Evangélica Alemã declara ver no reconhecimento destas verdades e na rejeição desses erros, a base teológica indispensável da Igreja Evangélica Alemã na sua qualidade de federação de Igrejas Confessionais. Ele convida a todos os que estiverem aptos a aceitar esta declaração a terem sempre em mente estes princípios teológicos em suas decisões na política eclesiástica. Ele concita a não pouparem esforços para o retorno à unidade da fé, do amor e da esperança.¹⁵

¹⁵ IGREJA PRESBITERIANA UNIDA DOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA. **O Livro de Confissões**. São Paulo: Missão Presbiteriana Brasil Central, 1967, p. 68-70.

Assinaram a Declaração Teológica de Barmen líderes das respectivas igrejas, os teólogos já citados, além de Paul Tillich, que um ano antes fora impedido de lecionar em Frankfurt e em toda a Alemanha, “Sendo o primeiro professor não judeu a sofrer essa vexação”,¹⁶ apesar de Tillich não ter estado presente em Barmen na ocasião enviou uma carta com sua assinatura concordando com a declaração. Foi convidado também o importante teólogo Rudolf Bultmann que se recusou a participar do Concílio e assinar o documento. É necessário destacar também a participação de Hans Asmussen, pastor luterano sueco residente na Alemanha na ocasião da elaboração da declaração de Barmen, que teve participação fundamental na elaboração da mesma. A declaração reuniu inimigos teológicos ferrenhos como: Barth e Tillich, e Barth e Bonhoeffer em uma empreitada comum.

A reação do Reich foi rápida, todos os que assinaram a declaração foram proibidos de lecionar, publicar ou pastorear na Alemanha (os que ainda podiam), no caso dos teólogos, com exceção de Bonhoeffer o teólogo alemão mais popular deste período, todos foram obrigados a sair da Alemanha. A Igreja Evangélica da Nação Alemã, igreja oficial do nazismo, manteve-se fiel ao “*Führer*” até a queda do Reich.

5. O destino dos teólogos opositores

Como proposto, será destacado o destino dos quatro grandes teólogos protestantes do século XX. Será feita uma análise da teologia dos autores citados, destacando as mudanças em suas perspectivas teológicas, em especial após a Segunda Guerra Mundial. Será ressaltada a importância da contribuição dos teólogos em estudo à teologia.

5.1. Karl Barth

Karl Barth que era suíço foi obrigado a voltar a sua terra, na qual foi apontado como um grande líder contra o nazismo. Após o fim da Segunda Guerra Mundial quando as

¹⁶ MONDIN, Battista. **Os grandes teólogos do século XX**. São Paulo: Teológica, 2003, p. 91.

nações aliadas ameaçaram a existência da nação alemã, Barth se pôs em sua defesa.

Barth tem uma obra extremamente vasta, com uma bibliografia que ultrapassa 500 títulos, entre: livros, ensaios, palestras, artigos, revistas e aulas que foram publicadas. Algumas:¹⁷ *Der Römerbrief* (1919), (Carta aos Romanos), *Die Christliche Dogmatik* (1927), (A Dogmática Cristã), *Erklärung des Philipperbriefes* (1927), (Explicação da Epístola aos Filipenses), *Fides Quaerens Intellectum* (1931), (Fé em Busca de Compreensão), *Die Kirschliche Dogmatik* (1932 Ss), (A dogmática Eclesiástica), *Credo* (1935), (Credo), *Die Protestantische Theologie im XIX Jahrhundert. Ihre Vorgeschichte und Geschichte* (1947), (A Teologia Protestante do Século XIX. Seus Antecedentes e sua História), esses são alguns poucos exemplos da vasta e importante obra do teólogo suíço.

Dentre os autores que mais influenciaram o teólogo da Basileia podem ser destacados: Martin Lutero e João Calvino (nenhum outro teólogo protestante tem uma influência tão marcante dos reformadores), Soren Kierkegaard (que muitos consideram como o precursor da teologia Neo-Ortodoxa que tem Barth como nome mais representativo), Santo Anselmo (que impressionou o teólogo com sua concepção de razão subordinada a fé) podem ser destacados também Adolf von Harnack, Herman Gunkel, Wilhelm Hermann e Adolf Schlatter esses de orientação liberal. A teologia paulina (Apóstolo Paulo) teve um impacto imprescindível na vida e conseqüentemente na obra do teólogo.

O pensamento barthiano é caracterizado por um cristocentrismo apaixonado, para ele Cristo deve ser o centro de toda a reflexão teológica, se não for assim o pensamento não pode ser considerado um pensamento teológico. Para Barth, o conhecer ou o revelar de Deus parte de cima para baixo, nunca sendo o contrário, no qual Cristo é sempre o mediador. Para o autor, a teologia é uma ciência independente, não tendo jamais que se sujeitar à filosofia, como queriam os liberais, sendo que qualquer tentativa de racionalismo da mensagem é um atentado contra a teologia evangélica e deve ser drasticamente reprimido, entretanto, o teólogo reconhece que a mensagem cristã sempre esteve permeada de filosofia. Outro ponto importante do pensamento barthiano é que para ele Palavra de

¹⁷ As obras que são referenciadas entre parênteses com tradução em português são as obras que já foram publicados em português no Brasil, a tradução segue os títulos das respectivas publicações. Esse mesmo método seguirá quando for falado das obras dos outros teólogos em estudo.

Deus não se restringe as escrituras sagradas, é todo o conjunto da automanifestação divina, que pode nos chegar revelada, escrita ou proclamada, sendo que essa palavra se fez carne na pessoa de Cristo. Em Barth, Deus é entendido como diverso de qualquer realidade humana, por isso a filosofia ou qualquer esforço humano que não parta do próprio Deus por intermédio de Cristo jamais conseguirá mensurar o que é Deus, nem por intermédio de Cristo o homem conseguirá explicar Deus, mas apenas o compreender de uma forma pessoal e existencial.

Como Barth foi o teólogo mais influente do século XX, teve e ainda tem também uma enorme aceitação no Brasil, reinando quase absoluto, sendo o teólogo estrangeiro mais traduzido e conseqüentemente publicado no país. Hoje o teólogo da Basileia tem dividido espaço com nomes como: Paul Tillich, Dietrich Bonhoeffer, Jürgen Moltmann, Hans Küng entre outros. A grande aceitação da teologia barthiana pelos protestantes nacionais foi de grande importância para manter um caráter reformado às igrejas protestantes nacionais frente às investidas do neo-evangelicalismo, Barth deveria voltar a ser mais consultado, pois com certeza ainda tem algumas considerações pertinentes para o protestantismo brasileiro no que diz respeito a crise de identidade que esse enfrenta nos últimos anos.

Barth foi e é extremamente importante para o “fazer teológico”, dentre suas principais contribuições deve ser destacado que esse subverteu o pensamento racionalista que ameaçava extinguir o pensamento cristão, colocando Cristo no centro da discussão. Muitos o consideram como o Tomás de Aquino do protestantismo, não é por menos, Aquino foi de extrema importância para a apologetica da fé cristã, claro que cada um em seu tempo e enfrentando os problemas decorrentes desse. Outra grande contribuição do referido teólogo é o diálogo inter-religioso, após a Segunda Guerra Mundial Barth adotou um tom bem mais conciliador, em especial com o catolicismo, vendo a necessidade da paz, pois, para Barth essa deveria começar dentro da própria cristandade.

5.2. Paul Tillich

Paul Johannes Tillich já morava nos Estados Unidos no período da redação da Declaração Teológica de Barman, foi proibido de entrar na Alemanha em hipótese alguma, nem mesmo para visitar a família. Construiu uma brilhante carreira na América tendo

ocupado o posto mais almejado do ensino teológico nos Estados Unidos, o de Professor de teologia sistemática na *Harvard University*. Tillich é o teólogo mais influente nos estados Unidos no século XX.

A produção literária desse teólogo é comumente dividida em dois grupos: o alemão e o norte-americano, sendo que o seu pensamento segue a mesma linha, como o objetivo do presente trabalho não é teológico, também adotaremos essa divisão. É no segundo período (o norte-americano) que Tillich atinge a maturidade na escrita que lhe é característica, sendo considerado por muitos no meio teológico como o maior teólogo sistemático do século XX, nesse período sua obra toma duas direções, na qual uma é dirigida aos especialistas e a outra para ao grande público. É desse período suas obras mais importantes: *The Protestant Era* (1948), (A Era Protestante); *The Shaking of the Foundations* (1948), (O Abalo das Fundações), *The Courage to Be* (1952), (A Coragem de Ser), *Love, Power and Justice* (1954), (Amor Poder e Justiça), *The New Being* (1955), (O Novo Ser), *Morality and Beyond* (1963) e *Systematic Theology* (Teologia Sistemática), seu livro mais importante que começou a escrever ainda na Alemanha em 1925 e só terminara nos Estados Unidos em 1963. É necessário que se faça referência a dois livros com publicação póstuma, *Perspectives on 19th and 20th Century Protestant Theology* (Perspectivas da Teologia Protestante nos Séculos XIX e XX), (1967) e *The History of Christian Thought* (História do Pensamento Cristão), (1968), ambos são coletâneas de aulas ministradas pelo teólogo na Harvard University e no Union Theological Seminary.

O pensamento de Tillich teve influência não só de pensadores antecessores a ele, mas também de contemporâneos seus dentre os antecessores podem ser destacados: Schelling (na doutrina da presença absoluta em todas as coisas), Soren Kierkegaard (no que diz respeito a sua concepção de existencialismo), Erich Kähler (em relação ao Cristo histórico), Platão (na participação e alienação), Kant (que influenciou bastante sua concepção de razão), Hegel (em que parte da dialética para sua dialética da correlação), Lutero (a graça justificadora) e Böme (o misticismo). Entre seus contemporâneos podemos destacar: Martin Heidegger (influenciou o que o autor veio tratar como existencialismo, mesmo distanciando seu pensamento ao do filósofo em especial nos Estados Unidos), Rudolf Bultmann (a demitologização influenciou profundamente sua transmitização) e

Barth (a necessidade da Palavra de Deus em si, com a discordância posterior acerca do tema, há um distanciamento categórico entre os dois teólogos).

A correlação é o que se pode chamar de eixo central da teologia de Paul Tillich, correlação é a necessidade de se pensar qualquer realidade juntamente com outra realidade, sendo que essas realidades irão se encontrar, havendo aí um jogo de dependência e consequentemente de subordinação recíproca. O ponto de encontro entre essas realidades vem mostrar que nada é oposto até o fim, uma vez que essa relação pode ser pensada e posta em diálogo ou não. Tillich aplica o princípio da correlação em várias instâncias, entre elas: A correlação epistemológica, a correlação ser-Deus, a correlação homem-Cristo e a correlação história-Reino de Deus. O pensamento desse autor marcou a teologia do século XX em especial no que diz respeito ao pensamento inter-cultural e inter-religioso.

No Brasil, nos últimos anos houve um crescente interesse pelo pensamento tillicheano, em parte motivado pela popularização da teologia da cultura, do fim da década de 1990 para cá houve um crescente número de traduções e publicações do autor no Brasil, um motivo que facilita a leitura de Tillich no país é o fato de que ele escreveu grande parte de sua obra em inglês, que tem um número bem maior de leitores nesse idioma do que em alemão, idioma que era usado pelos outros teólogos em estudo. Há no Brasil um grupo de estudo e discussão do pensamento tillicheano a “Associação Paul Tillich do Brasil”, reunindo vários teólogos, professores de teologia e estudiosos, o grupo tem reuniões periódicas.

Dentre os teólogos a que é feita referência neste trabalho talvez Tillich seja o que sofreu menor influência da Segunda Guerra Mundial, alguns dizem que nenhuma, entretanto, nenhum alemão passou ileso por esse “acontecimento”, ainda mais um teólogo que tem como objeto de estudo o homem e as percepções que esse tem acerca do Divino. Muitos atribuem o caráter dialógico do pensamento tillicheano ao fato de esse ter ido morar nos Estados Unidos onde esse debate estava em voga, mas com certeza sua experiência com a referida guerra tem uma influência marcante em seu pensamento, principalmente no que diz respeito ao intercruzamento de existências, afinal, após tudo o que aconteceu tendo como cargo chefe a intolerância, uma teologia que não dialogasse outras teologias não é digna e nem merecedora de nota.

5.3. Rudolf Bultmann

Rudolf Karl Bultmann que se recusou a assinar a Declaração e participar do Sínodo, mostrou-se indiferente ao regime nazista até 1935, quando o governo alemão proibiu que as faculdades de teologia se metessem nas controvérsias entre Estado e Igreja. Bultmann respondeu negativamente à imposição e foi proibido de dar aulas, porém não fora expulso do país e nem proibido de publicar, tanto que uma de suas obras mais importante: “Novo Testamento e Mitologia” data de 1941.

Apesar de ter uma produção bibliográfica pequena, os escritos de Bultmann causaram duas reviravoltas no pensamento teológico do século XX (o que será tratado mais à frente), dentre suas principais obras destacam-se: *Die Geschichte der Sinoptischen Tradition* (1921), (História da Tradição Sinótica), *Jesus* (1926), (Jesus), *Das Evangelium des Johannes* (1941), *Neues Testament und Mythologie* (1941), (Novo Testamento e Mitologia), *Theologie des Neuen Testaments*, em três volumes, (1948, 1951 e 1953), (Teologia do Novo Testamento) e *Glauben und Verstehen*, em quatro volumes, (1948ss).

Entre seus principais influenciadores destacam-se historiadores como: Karl Müller e Harnack (esse último, como exposto anteriormente um dos maiores nomes da teologia liberal a que Bultmann se opôs veementemente), o hermeneuta Friedrich Schleiermacher, o filósofo Martin Heidegger (que conhecera em Marburg, é destacada a influência acerca da concepção de existencialismo do teólogo), exegetas como: Adolf Jülicher, Johannes Weiss (mestres da exegese histórico-crítica, um dos principais alvos de críticas de Bultmann na teologia liberal) e Otto Debilus (um dos maiores exegetas bíblicos do século e parceiro do teólogo na formulação da exegese histórico-morfológica) além de teólogos como Wilhelm Hermann (também liberal) e Karl Barth.

Nenhum teólogo causou tanta controvérsia no século XX quanto Rudolf Bultmann, ele estremeceu os alicerces do mundo teológico (e os que a ele é ligado) por duas vezes, com a introdução do revolucionário método exegético histórico-morfológico (*Formgeschichte*) e posteriormente com a teoria da demitização. Para Bultmann a principal função da teologia é de atualizar o *kerygma* (mensagem revelada) para cada época, para que essa possa ser compreendida, o teólogo tem que fazer uso da história, da hermenêutica e da

filosofia, fazendo com que essa mensagem passe a ter sentido para o homem em cada época (no caso o moderno). Para isso, Jesus deve ser investigado como qualquer personalidade histórica, pois o cristianismo é uma religião histórica. Só se pode compreender algo da história se forem feitas as perguntas certas, sendo que essas perguntas só podem ser feitas por quem se sintam inserido na história, elevando a pesquisa a um nível existencial. No que diz respeito à hermenêutica o autor introduz dois aspectos importantes, um é o que ele chama de “pré-compreensão”, sendo um fundo existencial em que o pesquisador tem que ter uma relação vital com o texto, caso contrário esse não conseguirá ter uma compreensão satisfatória do texto, pois faz desse um passado “morto”; outro aspecto importante no que diz respeito à hermenêutica é o método histórico-morfológico, no qual o objeto de pesquisa deixa de ser o Cristo em si e passa a ser o que a comunidade cristã primitiva pensava acerca Dele. A filosofia na concepção do autor deve ser utilizada para manter a inteligibilidade do *kerygma*. A demitização é o fato de que se reconheça que o *kerygma* nos é passado através de uma linguagem mitológica de um período específico, para uma compreensão da mensagem deve haver uma interpretação desses mitos.

No Brasil existe uma incrível aversão a esse teólogo, ele às vezes é “demonizado” em alguns círculos, a maioria de seus opositores brasileiros desconhecem sua teologia, talvez porque se sintam ofendidos com a concepção de Bultmann de que para ser teólogo tem que conhecer história, hermenêutica e filosofia. Por muitas vezes o teólogo de Marburg é acusado de liberal,¹⁸ essa acusação é tão absurda quanto dizer que Bonhoeffer era nazista ou Henry Ford marxista, pois, apesar de ter tido orientação da teologia liberal, ficou conhecido no mundo teológico por se opor a esta. Tais preconceitos tendem a empobrecer ainda mais a teologia nacional.

Se Karl Barth é citado ao lado de Schleiermacher como o teólogo protestante mais importante desde Calvino, Bultmann deveria ser reconhecido também ao lado do teólogo do século XIX como o hermeneuta protestante mais importante, afinal suas contribuições a essa são imprescindíveis. Apesar de toda polêmica que cerca o nome de Rudolf Bultmann sua teologia foi essencial para frear o avanço da teologia liberal e os ataques que essa fazia

¹⁸ Quando é feita referência a liberal, evidentemente essa é feita nos termos aos quais o autor era contemporâneo, caso contrário seria um anacronismo histórico desmedido.

à mensagem cristã. E a distinção do Cristo da fé com Cristo da história ressalta que existem perguntas a serem feitas a um e perguntas a serem feitas ao outro, sendo que as respostas que um pode dar o outro não pode, portanto a fé não exclui a razão tão pouco a razão exclui a fé, sendo que as barreiras que possam existir entre estas devem ser demolidas para uma melhor compreensão de outras teologias históricas. O método histórico-morfológico ainda é o método exegético mais usado, sua Teologia do Novo Testamento ainda é a obra mais consultada sobre o tema. Bultmann nunca fez nenhuma declaração acerca de sua omissão ao Concílio de Barman.

5.4. Dietrich Bonhoeffer

Dietrich Bonhoeffer foi quem teve o fim mais trágico, após o Concílio de Barmen o teólogo assumiu uma posição política mais radical, ingressando na resistência militar ao regime juntamente do general Beck e do almirante Canrer, participou de um plano para assassinar Hitler. O plano fora descoberto e o teólogo preso em 5 de abril de 1943, ficando detido em uma seção militar em Tegel nas proximidades de Berlim durante dezoito meses. No princípio de 1945 Bonhoeffer foi transferido para o campo de concentração de Bunchenwald, onde fora enforcado em 8 de abril, pouco antes da queda do Reich. Aconteceu o que ele e Barth diziam desde o princípio de sua resistência ao nazismo “A única coisa que o nazismo pode fazer contra nós é nos matar”.¹⁹

Por motivo evidente a obra de Bonhoeffer é a menos extensa dos quatro autores em estudo, afinal fora enforcado pelo nazismo aos 39 anos. Mesmo com sua morte precoce, podem ser destacadas algumas obras de grande importância que o coloca entre os grandes teólogos do século XX. Diferentemente do que alguém possa pensar que Bonhoeffer só é respeitado por ser um mártir cristão, pois já era um teólogo importante quando vivo. Dentre suas principais obras podem ser destacadas: *Sanctorum Communio* (1930), *Ark und Sein: Transzendentalphilosophie und Ontologie in der Systematischen Theologie* (1931), *Nachfolge* (1937), (Imitação), *Etik* (1939), (Ética) e um livro póstumo que é uma coletânea de cartas enviadas pelo teólogo a amigos e à família quando estava na prisão em Berlim, *Widerstand und Ergebung: Briefe und Aufzeichnungen aus der Haft* (1951), (Resistência

¹⁹ MONDIN, Battista. *Os grandes teólogos do século XX*. São Paulo: Teológica, 2003, p. 204.

e Submissão.

Dentre suas principais influências podem ser destacadas: Lutero (o qual o autor tentou atualizar para a modernidade), Kant (trabalhando com a concepção de limites da razão), Harnack (mesmo indo contra seu antigo mestre, que era adepto da teologia liberal, tão criticada por Bonhoeffer), Thomas de Kempis (adotando seu conceito de imitação), Karl Holl e Renhold Seeberg (promotores do chamado “renascimento luterano”) e Karl Barth e Emil Brunner (apesar de ter rompido com esses posteriormente).

Bonhoeffer é o principal precursor do que ficou conhecido como: “Teologia da Morte de Deus” ou “Ateísmo Cristão” ou ainda “Cristocentrismo a-religioso”. O referido teólogo ao ver a ineficácia da pregação cristã para o homem moderno, não identifica o ateísmo como uma heresia ou meramente uma aversão à igreja, pois nada mais é do que um traço essencial do homem moderno. Imerso nas conquistas da modernidade, não consegue mais ser um homem religioso; sendo assim propõe a libertação da mensagem bíblica, fazendo isso em termos a-religiosos que é o único que o homem moderno compreende e pode compreender. Bonhoeffer propõe o abandono das técnicas tradicionais tanto da teologia quanto das pregações, que podem ser encaradas como uma ofensa a modernidade não religiosa, fazendo uma atualização hermenêutica e teológica da mensagem cristã, que tem como essência o próprio Cristo, devendo ser apenas cristocêntrica.

No Brasil Bonhoeffer nunca foi muito conhecido nem mesmo nos círculos acadêmico-teológicos, entretanto isso começa a mudar, pois, nos últimos anos há uma campanha de divulgação do pensamento do teólogo, feita especialmente pela Escola Superior de Teologia (EST) da Igreja Evangélica Luterana no Brasil (IECLB). Em 1995 na ocasião do cinquentenário do assassinato de Bonhoeffer, a EST promoveu o “dia de Bonhoeffer”, no qual estudantes e teólogos tiveram como pauta a vida e a teologia do teólogo alemão. Desde então obras do autor passaram a ser publicadas e republicadas.

No que se diz respeito à Bonhoeffer não se pode falar de uma influência posterior à Segunda Guerra Mundial, afinal esse não sobreviveu a ela, sendo silenciado um dos teólogos mais brilhantes que o protestantismo já produziu. É importante ressaltar que no período em que esteve preso sua teologia ressaltava ainda mais a necessidade da mensagem cristã atingir o homem moderno, mas infelizmente não pode desenvolver seu pensamento.

A teologia bonhoeffiana veio denunciar que o homem moderno não aceitava a pregação cristã e que algo deveria ser feito para que atingisse esse objetivo talvez seja essa a grande contribuição desse autor à teologia do século XX. Na crise em que a modernidade vive, sendo criticada por algumas correntes, o pensamento bonhoefferiano se faz necessário para os cristãos compreenderem a validade de sua fé no mundo em que estão inseridos.

Considerações finais

Parece irônico, mas o nazismo e a Segunda Guerra Mundial trouxeram uma contribuição fundamental à teologia protestante e à teologia de um modo geral, pois, pela primeira vez, os teólogos desceram dos seus pedestais imaculados do conhecimento e se engajaram em uma empreitada social. A teologia jamais foi a mesma, tanto que Jürgen Moltman, afirma, em seu livro *Quem é Jesus para nós hoje?*, “É impossível Deus e o que se pensa Dele permanecerem os mesmos depois de Auschwitz.”²⁰ A teologia ganhou um aspecto bem mais humano após as atrocidades da Segunda Guerra Mundial, ganhando um caráter mais universalista.

O protestantismo alemão tanto foi conivente quanto atacou e combateu o nazismo; aos que foram coniventes, não podemos condená-los, pois é necessário considerarmos as circunstâncias adversas de seu contexto. Contudo, é importante que se conheça pessoas como Karl Barth e Dietrich Bonhoeffer que tiveram uma posição firme frente ao regime, mesmo sendo ameaçados de represálias. É impossível pensar as obras dos autores citados no presente trabalho sem considerarmos que passaram pela Segunda Guerra Mundial; até por isso é necessário que se conheça melhor a obra desses autores que contribuíram de forma marcante nas transformações do pensamento religioso do século XX.

Bibliografia

- A BÍBLIA SAGRADA. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2003.
ADORNO, Theodor /HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.
ARENDT, Hannah. **Responsabilidade e julgamento**. São Paulo: Companhia das letras, 2003.

²⁰ MOLTMAN, Jürgen. *Quem é Jesus para nós hoje?* Petrópolis: Vozes, 1997, p. 69.

- BARTH, Karl. **Carta aos Romanos**. São Paulo: Novo Século, 2003.
- _____. **Credo: Comentário do Credo dos Apóstolos**. São Paulo: Novo Século, 2003.
- _____. **Dádiva e Louvor: Artigos selecionados**. São Leopoldo: Sinodal, 1996.
- _____. **Fé em Busca de Compreensão**. São Paulo/São Bernardo do Campo: Novo Século/IEPG, 2003.
- _____. **Introdução à Teologia Evangélica**. São Leopoldo: Sinodal, 1977.
- _____. **Pai Nosso**. São Paulo: Novo Século, 2003.
- _____. **Proclamação do Evangelho**. São Paulo, Novo Século, 2003.
- BONHOEFFER, Dietrich. **Discipulado**. São Leopoldo: 7.ed. Sinodal, 2002.
- _____. **Ética**. São Leopoldo: 6.ed. Sinodal, 2002.
- _____. **Resistência e Submissão**. São Leopoldo: 8.ed. Sinodal, 2003.
- _____. **Tentação**. São Leopoldo: 4.ed. Sinodal, 2002.
- _____. **Vida em Comunhão**. São Leopoldo: 5.ed. Sinodal, 2002.
- BULTMANN, Rudolf . **Demitologização**. São Leopoldo: Sinodal, 1999.
- _____. **Milagre: Princípios de interpretação do Novo Testamento**. São Paulo: Novo Século, 2003.
- _____. **Jesus Cristo e Mitologia**. São Paulo: Novo Século, 2003.
- _____. **Teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Teológica, 2004.
- CAIRNS, Earle. **O Cristianismo Através dos Séculos**. São Paulo: 2.ed. Vida Nova, 2003.
- CALVINO, Juan. **Institución de la Religión Cristiana**. Barcelona: 5.ed. Felire, 1999.
- ELIAS, Nobert. **Os alemães: A luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.
- GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e Método: Traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica**. Petrópolis: 3.ed. Vozes, 1999.
- GAY, Peter. **A cultura de Weimar**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.
- GONZÁLEZ, Justo. **Uma História Ilustrada do Cristianismo: A Era dos Novos Horizontes**. São Paulo: 3.ed. Vida Nova, 2003.
- _____. **Uma História Ilustrada do Cristianismo: A Era Inconclusa**. São Paulo: 5.ed. Vida Nova, 2003.
- GUÉRIN, Daniel. **Fascismo y Gran Capital**. Madrid: Fundamentos, 1977.
- HÄGGLUND, Bengt. **História da Teologia**. Porto Alegre: Concórdia, 1986.
- HITLER, Adolf. **Minha luta. Mein Kampf**. São Paulo: Moraes, 1983.
- IGREJA PRESBITERIANA UNIDA DOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA. **O Livro de Confissões**. São Paulo: Missão Presbiteriana Brasil Central, 1967.
- KEMPIS, Tomás de. **Imitação de Cristo**. São Paulo: Martin Claret, 2001.
- KIERKEGAARD, Soren. **Diário de um Sedutor; Temor e Tremor; O Desespero Humano**. São Paulo: Abril Cultural, 1979.
- KLEIN, Carlos. **Aspectos da Espiritualidade Protestante Norte-americana: Uma perspectiva na óptica de Paul Tillich**. In: www.stags.br, 2001.
- LENHARO, Alcir. **Nazismo “o triunfo da vontade”**. São Paulo: Ática, 1990.
- LUTERO, Martim. **Da Liberdade Cristã**. São Leopoldo: 4.ed. Sinodal, 1983.
- MACKINTOSH, Hugo. **Teologia moderna. De Schleiermacher a Bultmann**. São Paulo: Novo Século, 2003.
- MAYER, Arno. **A força da Tradição: a persistência do Antigo Regime (1848-1914)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

- MOLTMANN, Jürgen. **Deus na criação: Doutrina ecológica da criação**. Petrópolis: Vozes, 1993.
- _____. **O caminho de Jesus Cristo: Cristologia em dimensões messiânicas**. Petrópolis: Vozes, 1993.
- _____. **Quem é Jesus para nós hoje?** Petrópolis: Vozes, 1997.
- _____. **Teologia da Esperança: Estudos sobre os fundamentos e as conseqüências de uma escatologia cristã**. São Paulo: Teológica, 2003.
- _____. **Trindade e Reino de Deus: Uma contribuição para a teologia**. Petrópolis: Vozes, 2000.
- MONDIN, Battista. **Os grandes teólogos do século XX**. São Paulo: Teológica, 2003.
- NOLL, Mark. **Momentos Decisivos na História do Cristianismo**. São Paulo: Cultura Cristã, 2000.
- NICHOLS, Robert. **História da Igreja**. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana.
- PRIMEIRA PROCLAMAÇÃO DO DREIMANNE KOLLEGIUM. Disponível em www.ejesus.com.br.
- SCHLEIERMACHER, Friederich. **Hermenêutica: arte e técnica da interpretação**. Petrópolis: Vozes, 1999.
- TILLICH, Paul. **A Coragem de Ser**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.
- _____. **A Era Protestante**. São Paulo/São Bernardo do Campo: IEPG, 1992.
- _____. **Amor, Poder e Justiça: análises ontológicas e aplicações estéticas**. São Paulo: Novo Século, 2004.
- _____. **História do Pensamento Cristão**. São Paulo: Aste, 2004.
- _____. **Perspectivas da teologia protestante nos séculos XIX e XX**. São Paulo: 3.ed. Aste, 2004.
- _____. **Teologia Sistemática**. Campinas/São Leopoldo: Paulinas/Sinodal, 1984.
- VELASQUES, Prócoro. **Uma ética para nossos dias. Origem e evolução do pensamento ético de Dietrich Bonhoeffer**. São Leopoldo: Sinodal, 1977.